



REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

GIANE TROVO BELMONTE¹; LUIZA BELEM TEIXEIRA²; GILCEANE CAETANO PORTO³

¹UFPel – gicabelmonte@gmail.com

² UFPel – luiza.belemtexieira@gmail.com

³UFPel – gilceanep@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo relatar as experiências que estão sendo vivenciadas em ações do Subprojeto Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, EDITAL CAPES N. 07/2018 inserido no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Este programa tem como foco oportunizar aos acadêmicos dos cursos de licenciatura, um contato a mais com a realidade escolar, valorizando e incentivando a prática docente, bem como relacionando a teoria com a prática.

A violência nas instituições de ensino é uma temática que têm invadido nossas casas diariamente através de diferentes meios de comunicação. A violência simbólica ou explícita está presente em todas as escolas, sejam elas da rede pública ou da rede privada de ensino, envolvendo uma parcela significativa de alunos. A constante prática de violência principalmente nas escolas seja entre os alunos, ou entre eles e os professores, passou a fazer parte da preocupação do meio acadêmico e dos discursos das mídias, como apontam os estudos de Chrispino e Santos (2011), Silva e Silva (2018), Neto e Barreto (2018) e Galvão, Gomes, Capanema, Caliman e Câmara (2010).

A experiência que estamos vivenciando em uma escola da rede pública estadual não é diferente daquelas que vemos nos noticiários diários, onde são enfatizados relatos de agressões verbais, físicas, emocionais, dentro de instituições de ensino. Diversas são as realidades dos alunos. A experiência que iremos relatar é referente a uma turma do terceiro ano do ciclo de alfabetização com quinze alunos. Há muita heterogeneidade em relação ao nível de alfabetização e a idade, em função das reprovações. A maioria das crianças é oriunda de classe popular, com famílias em situação de vulnerabilidade social. Nas relações interpessoais que se estabelecem são comuns comportamentos intolerantes e agressivos. Os alunos demonstram impaciência e desmotivação por acreditarem que não são capazes de aprender.

A inquietação que surge perante essa realidade é: *como lidar com estes comportamentos violentos que invadem a sala de aula?* A resposta a este questionamento se deu a partir da desacomodação materializada na modificação das nossas estratégias em sala de aula. Sentimos, como Freire (1996, p. 85), que “sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”. Entendemos que a inquietude passa a ser sentida como um movimento de mudança, transformando-se em curiosidade, onde a experiência docente significa uma luta contra a acomodação no fazer pedagógico desafiando a prática docente.

Esse desafio nos remete a Ester Grossi, quando sustenta que:

Agressividade é uma parte de nós, necessária para aprender e crescer. [...] Para aprender a ler e escrever, para aprender matemática, história, geografia, ou ciências, precisa-se de agressividade, a fim de agredir nossas ignorâncias, uma vez que aprender é transitar ignorâncias. (GROSSI, 2005, p.16)

Tendo em vista esse pensamento, em que a agressividade demonstrada pelos alunos é como “energia própria do ser vivo e não como ingrediente indesejável, passível de eliminação” (GROSSI, 2005, p.20), concluímos que devemos buscar incluir na prática docente formas de utilizar essa agressividade a favor da boa aprendizagem dos alunos. Munidas desta teoria, nos detemos a observar que a agressividade não expressa “raiva”, mas sim sentimentos como a insegurança, a mágoa, entre outros. A partir deste referencial, passamos a observar a participação dos alunos durante as atividades propostas e, percebemos que o envolvimento se dava justamente nas atividades que eles dominavam, e que não eram as de escrita e leitura, mas as de origami, jogos como quiz, filmes e histórias contadas por nós. A este respeito Grossi (2005, p. 20) questiona:

Existe violência maior nas escolas do que a da não aprendizagem? Quem já não experimentou o quanto é duro, humilhante, degradável, não aprender o que os outros estão conseguindo fazê-lo, às vezes do lado, bem proximamente. Esta experiência gera muita raiva, gera mesmo uma verdadeira fúria. Por outro lado, aprender de verdade exige a canalização positiva da agressividade para que ela não se deforme em agressão. Só se aprende efetivamente enfrentando a raiva de nossas ignorâncias. A agressividade é uma força benéfica se bem utilizada e necessária, como bem disse uma mulher simples, na Vila Santo Operário, mãe de um dos meus alunos, quando fui alfabetizadora, lá em 1982: "Se eu não tiver raiva da sujeira, nunca vou fazer limpeza na casa."

Nobra de Freire, Professora Sim, Tia Não (1999, p. 38), o autor destaca a amorosidade onde afirma que [...] é preciso juntar à humildade com que a professora atua e se relaciona com seus alunos, uma outra qualidade, a amorosidade, sem a qual seu trabalho perde o significado. E amorosidade não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensinar. [...] não acredito que, sem uma espécie de “amor armado”, como diria o poeta Tiago de Melo, educadora e educador possam sobreviver às negatividades de seu que-fazer.

A amorosidade e o diálogo são elementos indispensáveis para que ocorra, no processo educativo, “o encontro amoroso entre os homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 1992, p. 43). Caracterizando o amor como uma relação de comunicação entre as pessoas que se respeitam, onde cada um tem o outro como sujeito, e não como propriedade, de seu amor, de sua atenção, de seu espaço, Freire (1992, 1999), relaciona amorosidade e diálogo com outros elementos, tais como o respeito, a humildade, a fé e a esperança, afirmindo que é impossível dialogar, em sentido verdadeiro, sem um profundo amor ao próximo e ao mundo.

2. METODOLOGIA

As atividades relatadas estão sendo realizadas em uma escola estadual da cidade de Pelotas, em uma turma de terceiro ano no turno da manhã, todas as sextas-feiras. Na turma há quinze alunos matriculados, treze frequentes e, nos encontros comparecem no máximo nove crianças, variando a quantidade de alunos conforme o clima e também os alunos presentes.



Este relato tem caráter qualitativo com foco a entender qual o caminho a percorrer para se ter uma tomada de decisão correta sobre o problema. Com base na avaliação diagnóstica realizada, organizamos uma Sequência Didática (SD) a partir dos livros “Os músicos de Bremen” de autoria de Ruth Rocha (2010) e “Os saltimbancos” de Chico Buarque (2016). Estas narrativas são de extrema importância e muito prazerosas para o universo infantil, em especial por se tratar de textos permeados de elementos lúdicos, além de uma ferramenta didática capaz de introduzir a reflexão de valores muito interessantes para a formação das crianças. O objetivo da S.D. foi promover atividades que atendessem os diferentes níveis de alfabetização diagnosticados na turma, caracterizados pela heterogeneidade, facilitando o trabalho a ser desenvolvido pelas pibidianas, respeitando as especificidades de cada nível e o tempo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Esta S.D. teve seus objetivos específicos apoiados nos direitos de aprendizagem da língua portuguesa, onde trabalhamos os eixos oralidade, leitura, produção textual e análise linguística. A S.D. foi estruturada em cinco módulos. Aos alunos foram propostas atividades em grupos, em duplas e individuais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados até o momento têm mostrado melhorias no relacionamento, além de maior participação dos alunos durante nossos encontros. Os comportamentos agressivos diminuíram consideravelmente, o que nos indica que estamos no caminho certo quanto às atividades propostas na S.D. As leituras realizadas no início das aulas proporcionaram aos alunos uma efetiva participação, no momento em que podem emitir suas opiniões, ideias, conceitos, relacionar o tema à realidade até mesmo durante o processo de leitura. As atividades propostas com jogos, só foram melhor aceitas, principalmente no início dos encontros, com objetivo de “competição”. Usamos jogos tipo “Quiz” de maneira que pudéssemos avaliar o conhecimento assimilado sobre o assunto trabalhado em aula.

Com o passar dos encontros, temos trabalhado em duplas e até em grupos. Outro enfoque dado na S.D., foi com relação aos diferentes gêneros textuais. Iniciamos com a música “Os Saltimbancos” do músico Chico Buarque. Outro gênero textual foi o cartaz, onde se buscou dar um enfoque mais informativo e apelativo. Neste gênero enfatizamos o cuidado e respeito que temos que ter com os animais, e conversamos sobre os cartazes expostos que tinham como foco este assunto. Após pedimos que produzissem os seus próprios cartazes. Neste momento, pediram que o tema fosse livre e para nossa surpresa a venda, doação e aluguel de casas foi o tema da maioria.

Dando continuação ao tema da S.D., o gênero poema foi trabalhado através da história “Soltando os bichos” dos autores, Rosana Ferrão e Dylan Ralpnes (2011), por ser um estilo de linguagem bastante utilizado em textos discursivos estruturados em versos, como as músicas. Nosso objetivo foi trabalhar a repetição de sons idênticos ou semelhantes das palavras, refletindo que palavras com sons iguais são escritas da mesma forma. Neste momento, além da atividade individual, fizemos uma atividade oral interativa, onde após escrever palavras do quadro, os alunos diriam outras que rimassem com elas. Em palavras como elefante, sugeriram, “traficante” já para formigueiro “pepiteiro”. Em alguns encontros, após as atividades, fizemos origami de animais. Nosso objetivo foi estimular a criatividade, a memória, a concentração e a participação dos alunos, o

desenvolvimento da auto-estima, a psicomotricidade e a afetividade entre os alunos e deles com os professores. Esta atividade teve resultados surpreendentes em que vimos os alunos colaborando um com os outros para que conseguissem acompanhar passo a passo as dobraduras. Após a confecção de seus origamis, brincavam com o animal produzido.

4. CONCLUSÕES

As práticas que têm sido aplicadas em sala de aula vêm estimulando a construção do conhecimento dos alunos, através de atividades colaborativas, expositivas e lúdicas. Os alunos têm demonstrado mais atenção e interesse em nossos encontros. Já aceitam se reunir em duplas e/ou grupos para realizar atividades. As provocações, agressões, palavrões já estão desaparecendo do convívio em sala de aula. Ouvem com atenção os diferentes gêneros textuais interagindo sempre que solicitado e, algumas vezes interrompem a leitura para interagir, muitas vezes com expressões bem características. Quanto à leitura e a escrita, recebem com tranquilidade as propostas que levamos, para desenvolver em sala de aula, por vezes eles impõem dificuldades. Com acompanhamento e paciência, têm atingido o objetivo proposto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHRISPINO, Alvaro; SANTOS, Tais Conceição dos. Política de ensino para a prevenção da violência: técnicas de ensino que podem contribuir para a diminuição da violência escolar. **Ensaio**: avaliação e políticas públicas em educação. Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, p. 57-80, 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n68/02.pdf>>. Acesso em 14 set. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Professora SIM, tia NÃO**: cartas a quem ousa ensinar. 11. ed. São Paulo: Olho d'água, 1999.
- GALVÃO, Afonso; GOMES, Cândido Alberto; CAPANEMA, Clélia; CALIMAN, Geraldo; CÂMARA, Jacira. Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo. **Ensaio**: avaliação e políticas públicas em educação. Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 425-442, 2010. Díspõivel em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n68/02.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2019.
- GROSSI, Esther Pillar. **Agressividade, qual teu papel na aprendizagem?** Porto Alegre: Geampa, 2005
- NETO, Cláudio Marques da Silva; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. (In)disciplina e violência escolar: um estudo caso. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 44, 2018. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e165933.pdf>>. Acesso em 14 set. 2019.
- SILVA, Marilda da. SILVA, Adriele Gonçalves da. Professores e Alunos: o engendramento da violência da escola. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 471-494, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v43n2/2175-6236-edreal-43-02-471.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2019.